

## **O BRASIL E A PANDEMIA COVID-19: RELIGIÃO E POLÍTICA NO GOVERNO DO MITO<sup>1</sup>**

Daniela Souza dos Santos<sup>2</sup>  
Julia Lobato Pinto de Moura<sup>3</sup>

Neste texto procuramos apontar alguns aspectos da relação mito, religião e política no contexto brasileiro da pandemia do Covid-19 no Brasil, com foco nas notícias falsas e posturas negacionistas adotadas pelo governo do país, que colocam o Brasil como o pior na América Latina e um dos piores no mundo no combate à doença; evidenciar a relação do governo do presidente Jair Bolsonaro com determinados seguimentos religiosos que coadunam com um pensamento político mítico e um sentimento anti-ciência. Nossas reflexões estão em diálogo com publicações de jornais e revistas eletrônicas, e com autores do campo das ciências humanas na atualidade, que publicaram no livro “Coronavírus e luta de classe” uma coletânea de artigos críticos. Atentas as proposições de Harvey (2020) estamos a procura de analisar o fluxo diário de notícias, a fim de localizar o que está acontecendo no contexto de como o capitalismo funciona, permeando relações que envolvem as formações científicas, culturais e religiosas de todo tipo.

A lógica mítico-religiosa não é uma mentira, mas um sistema de pensamento. O enredo bolsonarista é mítico pois nele Bolsonaro se apresenta como um herói salvador e redentor, criador de um novo tempo

1 Trabalho vinculado ao Projeto de Iniciação à Pesquisa (PIBIC-UFAC) “A Geografia das Religiões e as mitologias antigas e modernas” do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFAC (Edital 2018/2019).

2 Bolsista de Iniciação a Pesquisa (PIBIC-UFAC), acadêmica do 7º período de Licenciatura em Geografia na Universidade Federal do Acre.

3 Professora do Centro de Filosofia e Ciências e Humanas da Universidade Federal do Acre, Doutoranda em Letras: Linguagem e Identidade (UFAC).

capaz de derrotar um inimigo comum, que na época das eleições em 2018 foram as esquerdas e os discursos identitários personificados como fonte de todo o mal, como bode expiatório. O grupo político ligado ao bolsonarismo criou uma simbologia e estética própria, que convence uma parte da população a interpreta-lo e apoia-lo como alguém extraordinário, enviado por deus, um messias, enfim um mito como gostam de chama-lo. O governo do presidente Jair Bolsonaro no Brasil tem como base de apoio o eleitorado cristão conservador, sobretudo evangélicos pentecostais e neopentecostais, dispostos a livrar o país de uma pretensa e imaginária ameaça comunista.

O mundo evangélico precisa estar no centro do debate público e da epidemia do coronavírus no Brasil. Os evangélicos relativizam mais a gravidade da Covid-19 e aprovam mais o governo Bolsonaro do que a média da população, conforme uma pesquisa recente do Datafolha (Machado, 2020).

A campanha de Bolsonaro ficou conhecida por seu slogan “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, o que já evidenciava o perigoso aparelhamento da política por estes setores religiosos. Como noticiado por Netto (2020), no início da pandemia Bolsonaro tentou alterar o decreto que dispunha sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública decorrente do novo coronavírus, para incluir as atividades religiosas como essenciais no contexto da pandemia. Esta medida visava manter o funcionamento das igrejas para agradar sobretudo os seus aliados evangélicos e católicos conservadores, que relutavam em fechar os templos.

Uma das falas que melhor expressa o pensamento religioso negacionista das igrejas evangélicas no Brasil foi a do líder da Igreja Universal do Reino de Deus, bispo Edir Macedo, trazida pela reportagem de Machado (2020): "Quem anda pela fé anda pela frente. Quando você vê no noticiário 'morreu fulano, beltrano teve coronavírus', não olhe para isso, não leia essas notícias". (Macedo *in* Machado, 2020). R.R Soares da Igreja da Graça de Deus, fez associação do vírus com o apocalipse

narrado na bíblia sagrada, para dizer que “era o momento de ganhar alma para Jesus”. Silas Malafaia da Igreja Vitória em Cristo, afirmou que não fecharia a sua igreja, e foi um daqueles que pressionou Bolsonaro para que os serviços das igrejas fossem considerados essenciais no início da crise. Outros líderes religiosos além de corroborarem com o negacionismo, utilizam da fé e do momento caótico de pandemia para enganar as pessoas, e prometem curas milagrosas, como emblemático caso do feijão do coronavírus vendido pelo pastor Valdemiro Santiago, líder da neopentecostal Igreja Mundial do Poder de Deus.

Numa entrevista do presidente Jair Bolsonaro concedida a jornalistas, quando o Brasil chegava a marca de 5 mil mortes por coronavírus, ultrapassando a marca da China, o presidente fez o histórico pronunciamento: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Sou Messias, mas não faço milagre” (Bolsonaro *in* Garcia, Gomes e Viana, 2020). Desde então, o governo de Bolsonaro vem procurando os culpados pelo desastre brasileiro no controle da pandemia Covid-19, e aponta para os governadores, os prefeitos, a mídia, e os próprios profissionais da saúde, levantando suspeitas de que os dados são superestimados e de desvios de verbas na construção de hospitais de campanha.

Do primeiro aos mais de 200 mil mortos por Covid-19 no Brasil foram meses a fio com o presidente mostrando-se despreocupado com as possíveis novas mortes. O custo do negacionismo como política de Estado no Brasil, nesse momento de crise sanitária é a pouca adesão da população ao isolamento social e a total incapacidade de promover um plano de vacinação em massa, resultando num elevadíssimo número de mortes por dia em comparação à outros países, o que o governo Bolsonaro parece não se importar. Nesse sentido, destaca-se que o mundo foi infectado não apenas pelo coronavírus, mas uma onda de notícias falsas e teses conspiratórias que alimentam a perspectiva de

negação da realidade e a atmosfera anticientífica que se espalhou junto aos movimentos de extrema direita e o fanatismo religioso.

A atual propagação da epidemia do coronavírus, desencadeou, por sua vez, vastas epidemias de vírus ideológicos que ficaram adormecidos em nossas sociedades: falsas notícias, teorias de conspiração paranoicas, explosões de racismo, etc. (Žižek, 2020, p. 43)

No Brasil soube-se dos primeiros casos confirmados de contaminação pelo novo coronavírus no final de fevereiro. O estado de São Paulo foi desde o princípio o que apresentou maior número de infectados. Manaus, por ser uma capital com grande fluxo de empresários estrangeiros, também viveu terríveis momentos, com uma alta muito rápida no número de casos, impossível de ser absorvida nas precárias Unidades de Tratamento Intensivo (UTI's) e suas equipes médicas reduzidas. O sistema funerário da metrópole nortista também não suportou o crescimento acelerado no número de óbitos por dia, e “A globalização capitalista parece agora biologicamente insustentável na ausência de uma verdadeira infra-estrutura de saúde pública internacional.” (Harvey, 2020, p.12). Novas variantes do vírus, ainda mais potentes, agora circulam entre nós.

Bolsonaro em um dos primeiros pronunciamentos sobre o coronavírus salientou que “Tínhamos que conter o pânico, a histeria e traçar estratégia para a salvar vidas e evitar o desemprego em massa.” (Bolsonaro, 2020). Na época o presidente ainda chegou a se referir a um planejamento estratégico do seu governo no enfrentamento da pandemia. O Ministro da Saúde era Luiz Henrique Mandetta que se mostrava atento a importância de fortalecer o SUS e seguir as orientações dos epidemiologistas e da OMS, sobretudo em relação ao isolamento social mais rígido para diminuição do ritmo de crescimento de contágio. Isso provocou o desentendimento e as divergências com presidente e seu grupo ideologizado, religioso, negacionista e anti-ciência, que defendia a rápida abertura da economia, dos templos e igrejas. O novo coronavírus já

havia causado mais de 3.000 mortes no mundo quando Bolsonaro mais uma vez explicitou sua afeição por ideias conspiratórias: “Tem a questão do coronavírus também que, no meu entender, está superdimensionado, o poder destruidor desse vírus. Então talvez esteja sendo potencializado até por questão econômica...” (Bolsonaro, 2020).

Foram muitas as crises no Ministério da Saúde que evidenciam o descaso e inoperância do governo brasileiro no combate ao coronavírus. Após a saída de Mandetta, Nelson Teich assumiu, e não completou dois meses no cargo. O presidente Bolsonaro defendia o uso de remédios como a cloroquina e outros que serviriam para tratamento precoce da Covid-19, vendida como solução rápida e fácil para o problema, contrariando estudos científicos, orientações da comunidade médica em geral. Teich alertou sobre efeitos colaterais da substância mas não proibiu o uso, e diante do crescimento do número de mortes e infectados, continuou com um discurso cauteloso em relação a abertura e relaxamento das medidas de distanciamento social, o que tornou insustentável sua posição no cargo.

O general da ativa Eduardo Pazuello ficou como ministro interino durante meses e depois foi efetivado, mesmo sendo um militar sem qualquer experiência ou ligação com a área médica. Mais uma evidência do descompasso do governo brasileiro com o mínimo de racionalidade e ausência de compromisso com a saúde pública. A justificativa foi a de que Pazuello seria um especialista em logística, mas o atendimento à demanda por criação de leitos, envio de oxigênio e a compra das vacinas tem se mostrado caótica, e o calendário de vacinação do Brasil segue muito atrasado se comparado à outros países.

Desde o início Bolsonaro minimizou os efeitos da pandemia e posicionou-se contra o isolamento social horizontal, defendendo pelo contrário, o isolamento vertical, onde só pessoas dos chamados grupos de risco manteriam o isolamento. Como ocupa o cargo de líder e

representante da nação, Bolsonaro acaba por influenciar, através de suas falas recorrentes, o descumprimento das medidas de segurança e precaução. Não seria exagero evocar o conceito de necropolítica como definido por Achille Mbembe para caracterizar o atual governo brasileiro, que subjuga a vida ao poder da morte, e onde em plena pandemia, a preocupação é legislar sobre acesso à compra e venda de armas. No necropoder, armas de fogo são implantadas no interesse da destruição máxima de pessoas e da criação de “mundos de morte”. (Mbembe, 2016, p. 146)

Com mais de 250 mil mortes por Covid-19, com cada vez mais jovens infectados e desenvolvendo casos graves da doença, o Brasil caminha para se tornar o maior em número de casos e mortes no mundo, ultrapassando os Estados Unidos ainda no topo da lista. Bolsonaro tem se recusado a usar máscara de proteção e ainda tem explicitado que é contra as medidas de isolamento social e indiferente as mortes dos brasileiros: "Vocês não ficaram em casa. Não se acovardaram. Temos que enfrentar os nossos problemas. Chega de frescura, de mimimi. Vão ficar chorando até quando?" (Bolsonaro, 2021 *in* G1).

Ao procurar compreender a relevância do estudo das religiões no contexto de enfrentamento da Covid-19 no Brasil e a presença do pensamento mítico no discurso político negacionista do governo brasileiro destacamos que é preocupante observar as alianças entre a elite latifundiária, o setor armamentista e os fanáticos religiosos em curso no Brasil, que sob a liderança de um presidente com traços autoritários e discursos virulentos, doentios, rebaixa e desvaloriza a educação, as escolas, os professores e as universidades, produzindo uma onda em curso de anti-ciência e negação da realidade no Brasil, que fez com que muitas pessoas minimizassem os efeitos da doença.

## Referências

Bolsonaro, J. M. (2020), *Pronunciamento do Senhor Presidente da República, Jair Bolsonaro, em cadeia de rádio e televisão*. Em 24/03/2020. Disponível: <https://shortest.link/diL>. Acesso: 14/08/20.

Garcia, G.; Gomes, P. H.; Viana, A. (2020), 'E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?', diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus; 'Sou Messias, mas não faço milagre'. *G1*, 05 de Mai de 2020. Disponível em: <https://shortest.link/diT>. Acesso em: 05/05/20.

Harvey, D. (2020), Política anticapitalista em tempos de COVID-19 In: DAVIS, M., et al: *Coronavírus e a Luta de classe*. Terra sem Amos: Brasil. 48p.

Machado, L. (2020), De cultos online a “não leia notícias sobre a pandemia”: como as religiões estão lidando com o coronavírus no Brasil. *Uol*, São Paulo, 17 de Mar. de 2020. Disponível em: <https://shortest.link/diP>. Acesso em: 10 de jul. de 20.

Mbembe, A.(2016). Necropolítica. *Arte & Ensaio*. Revista do PPGAV/EBA/UFRJ. n. 32, dezembro.

Netto, W. S. B. (2020). Bolsonaro inclui igrejas como serviços essenciais e permite abertura durante a pandemia. *VGnotícias*, 30 de jul de 2020. Disponível em: <https://www.vgnoticias.com.br/brasil/bolsonaro-inclui-igrejas-como-servicos-essenciais-e-permite-abertura-durante-pandemia>. Acesso em: 30/07/20.

Portal G1. 'Chega de frescura, de mimimi': frase de Bolsonaro repercute na imprensa internacional. *G1*, 05 de Mar de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/03/05/chega-de-frescura-de-mimimi-frase-de-bolsonaro-repercute-na-imprensa-internacional.ghtml> Acesso em: 05/03/21.

Zizek, S. (2020), Um golpe como “Kill Bill” no capitalismo. In: DAVIS, M, et al: *Coronavírus e a Luta de classe*. Terra sem Amos: Brasil, 2020. 48p.